

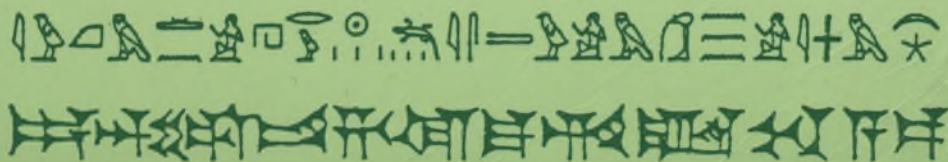
# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
Universidade de Lisboa

2



E D I C I O E S  
C O S M O S



cipal maior nuclearidade e mais diáfana legibilidade. Temos ainda de saudar, finalmente, o seu precioso índice analítico (p. 255-300), que resume, pela via acessível do vocabulário, grande parte do conteúdo da tese; este índice analítico constitui um verdadeiro dicionário sobre o assunto da tese (p. 255-300).

As abreviaturas, critérios de transcrição de caracteres hebraicos e gregos e a bibliografia são colocados no início do volume (p. XI -LIII). Não nos parece muito interessante a opção feita de seguir a onomástica bíblica portuguesa pela edição da Bíblia de Jerusalém, cuja origem francesa, naturalmente pouco adequada às sonoridades portuguesas, e cuja transposição para um português de ressonâncias e de hábitos mentais brasileiros têm mais inconvenientes do que aqueles que o autor logo ali assinala, ao dizer que se vê obrigado a utilizar alguns nomes na forma portuguesa habitual (p. 7). Os nomes em português ficaram, assim, mais longe do hebraico do que aquilo que acontecia com a versão francesa da Bíblia de Jerusalém. É evidente que a questão da onomástica não está ainda convencionada em português e precisa urgentemente de o ser. Mas o Autor que traduziu o texto original por sua conta não merecia esta dependência cúmplice no campo da onomástica.

Como também faz Emmanuele Testa, no prefácio, resta-nos sobretudo fazer votos para que o Autor continue a oferecer aos leitores de língua portuguesa mais trabalhos seus, com o cunho de interesse e originalidade que caracterizam aquele que aqui apresentamos. A razão para este voto é não só a escassez de temas destes com produção portuguesa mas também a originalidade e o talento de que o Autor revela ser capaz.

**José Augusto Ramos**

**JEAN CHRISTOPHE ATTIAS**, *Le commentaire biblique: Mordekhai Komtino ou l'herméneutique du dialogue*, Col. Patrimoines/Judaïsme, Ed. du Cerf, Paris, 1991, 204 pp.

Este livro apresenta uma versão inteiramente reescrita e com um título diferente de uma tese de doutoramento apresentada pelo Autor na Universidade de Paris VIII.

E a sua apresentação ao grande público é de grande interesse. Trata-se, na verdade, de nos tornar acessível a obra exegética e a acti-

vidade docente e literária de um grande mestre judeu que exerceu a sua função de professor em Constantinopla, numa época de grande importância, mesmo no âmbito da história geral. A sua actividade terá começado em Constantinopla quase logo a seguir à queda da cidade capital do Império Bizantino nas mãos dos Turcos. E o comentário do Pentateuco, que constitui a principal obra exegética do mestre aqui estudado, foi ali concluído no ano de 1460.

Para além de outros méritos de Mordekhai Komtino, dos quais falaremos no decorrer desta recensão, merecia e precisava este mestre rabínico de Constantinopla ser divulgado, porque os seus originais comentários ficaram até ao presente sob a forma de manuscrito. Eles surgiram de facto numa altura em que, em Constantinopla, a publicação era uma tarefa difícil.

Pouco se sabe propriamente da biografia deste exegeta-professor. Algumas referências onomásticas podem ligá-lo com uma possível origem grega. De resto, Komtino ficou conhecido para nós sobretudo pelos seus trabalhos e pelo eco que a sua actividade deixou no testemunho e nas referências de outros autores judeus de Constantinopla.

As suas obras compreendem os comentários bíblicos, nomeadamente ao Pentateuco, comentários de obras de Abraham Ibn Ezra e de Moisés Maimónides, e livros sobre assuntos de ciência e técnica, nomeadamente trabalhos de astronomia (quadrantes solares, astrolábios) e cálculos de calendário; livros de lógica e matemática e mesmo alguns escritos de poesia.

Apesar da sua prolífica actividade de escrita, é a atitude intelectual que mais distingue Komtino, situado como estava entre a cultura greco-bizantina, em que viveu até à conquista de Constantinopla, quando ele tinha já passado os cinquenta anos de idade, e a cultura otomano-islâmica, com a qual conviveu dali em diante. Esses aspectos da história transparecem não só através das alusões que subtil e concretamente lhes faz, mas também fazendo parte integrante dos critérios e do quadro em que se movimenta a sua hermenêutica. Daí que a complexidade das relações com a comunidade cristã e com a sua teologia ocupem também um lugar significativo no conjunto das temáticas que o Autor sente necessidade de sintetizar do conjunto dos escritos deste exegeta judeu (pp. 33-39).

Um outro capítulo importante da personalidade de Komtino que foi estudado foi o das suas relações com os karaítas. Este grupo dos karaítas representa uma facção importante, se bem que ao tempo minoritária, do judaísmo de Constantinopla, que se caracteriza por uma

atitude mais literal no estudo e no seguimento da Bíblia. O próprio nome significa «os leitores» e indica que o seu grande princípio era o de se aterem fundamentalmente à leitura da Bíblia, como processo de busca hermenêutica.

Komtino, que fazia parte da maioria representada ali pelo judaísmo rabínico, teve alguns karaítas como alunos e teve que entrar nas discussões que eram por eles suscitadas, tanto ao vivo como através das suas autoridades e escritos tradicionais.

Este contexto de discussão e de concorrência de posições levou Komtino a desenvolver um modelo de exegese com capacidade para estabelecer diálogo com as atitudes e exigências deste grupo minoritário. E ele que por tradição vivia nos ambientes veneradores e seguidores da tradição rabínica (*cabala*) elaborou um método de hermenêutica, caracterizado por uma grande sobriedade no comentário do texto bíblico, aproveitando e valorizando muito profunda e quase asceticamente, tendo em conta que se trata de um judeu de tradição rabínica, o tradicional método do *pshat* (leitura simples).

Além disto, Komtino valorizava também, dentro da sua hermenêutica, os conteúdos da tradição e mesmo da história e da cultura contemporânea, mesmo profana. O acto hermenêutico aparece, no exercício que dele apresenta, como um acto que, conservando toda a fidelidade duma «leitura simples» (*pshat*), significa igualmente um processo de reescrita e de ultrapassagem (pp. 41-65).

Aliás, as numerosas obras de saber profano a que já aludimos não representam simplesmente a expressão dos seus dotes intelectuais ou algum complemento de ganha-pão de que tinha capacidade para socorrer-se. Representam, sim, um elemento integrante da sua actividade exegética e também uma mediação bem aproveitada, para ampliar o leque de representatividade do seu trabalho exegético, junto de todos aqueles que poderiam não se sentir representados na simples nudez do sentido a que se acederia através do *pshat* (pp. 67-89).

Em relação à tradição exegética judaica que o precedeu, a posição de Komtino caracteriza-se por uma atitude de alguma dialéctica que J.-C. Attias exprime no título de dois capítulos paralelos e complementares: «Komtino e Ibn Ezra, a impossível submissão» (pp. 91-112) e «Komtino e Ibn Ezra, a impossível ultrapassagem». Tal como acontecia no *pshat*, em relação ao texto bíblico interpretado e comentado, também na relação com a actividade de explicação e escrita do texto empreendida pelos mestres da tradição onde aquele se encontra enraizado a função hermenêutica da escrita experimenta

dialecticamente uma impossibilidade de ir além e uma impossibilidade de ficar aquém. Aqui se delimitam as subtilezas de solidariedade e dependência, originalidade e criatividade, que vão implícitas no próprio acto hermenêutico.

O anão aos ombros de um gigante é uma metáfora bem expressiva da relação hermenêutica, em que os actuais intérpretes se podem colocar sobre toda a marcha hermenêutica que os precede. É o espaço do argumento de autoridade relacionado com o espaço da liberdade exgética.

A conclusão (pp. 163-171) recolhe o essencial dos temas do livro, nomeadamente apontando para a composição da imagem representada pelo conceito de escrita, de exegese e de hermenêutica em geral, sem esquecer uma sugestiva perspetivação das relações entre poder e saber e do exercício de algum decisivo poder através do exercício do saber.

A bibliografia é particularmente bem cuidada (pp. 173-193), sobretudo no que toca às fontes manuscritas, dado que muito das obras de Mordekhai Komtino e dos outros seus contemporâneos com os quais ele convive não chegaram a conhecer a edição, uma vez que estiveram activos numa época e num contexto que não lhes facilitou oportunidade de publicação.

**José Augusto Ramos**

**W. V. DAVIES**, *Egyptian Hieroglyphs. Reading the Past*, The Trustees of the British Museum, British Museum Publications Ltd., Londres, 1967, 64 pp. ISBN 0-7141-8063-7.

São já bastantes as obras que se propõem apresentar, de uma forma breve e sucinta, as linhas de base da escrita hieroglífica, numa linguagem acessível ao grande público para quem serão, em princípio, inalcançáveis os volumes especializados que constituem as clássicas gramáticas egípcias (nomeadamente as de Gardiner, Lefebvre e Erman, e até mesmo as menos encorpadas de Pierre du Bourguet, H. Brunner, A. de Buck e B. Menu, entre outras). Este pequeno volume de Vivian Davies, operante egiptólogo do British Museum e membro do CIPEG (Comité Internacional para a Egiptologia), é mais um elemento que se coloca à disposição de quem quiser apreender as bases gerais da escrita hieroglífica. Tal temática vê-se